

Jennifer é uma grande comunicadora! Meu desejo é que todas as mulheres possam ler *Garota Perfeita* para ajudá-las a serem bastante cautelosas com o que sonham. E toda mulher madura que lê esse livro certamente será encorajada a ficar satisfeita com quem é e com a sua aparência.

—STEPHEN ARTERBURN  
FUNDADOR E PRESIDENTE, NEW LIFE MINISTRIES

Toda mulher lida com o desejo de ser “perfeita” e com as inseguranças que aparecem quando percebem que nunca poderão se comparar com aquela imagem perfeita projetada em nossa mente. Honestamente, Jennifer Strickland nos leva à sua jornada pelo mundo das grandes modelos. Enquanto eu lia o livro, o meu coração se quebrantava pela Jennifer de dezessete anos, à medida que ela enfrentava situações que nenhuma adolescente deveria enfrentar. Assim que eu terminei de ler esse livro, eu procurei a minha filha adolescente e a lembrei de que é linda... do jeito que ela é. Obrigado Jennifer, por ter investido seu tempo e tido coragem para escrever este livro tão importante. Ele poderá salvar inúmeras vidas!

—HOLLY WAGNER  
FUNDADOR, GODCHICKS CONFERENCES

Esse é um dos livros mais honestos e autênticos que eu já li. A vida de Jennifer é um milagre, e a sua mensagem é convincente. A primeira coisa que eu fiz após ler o livro foi entregá-lo às minhas três filhas. Eu recomendo o livro e a minha amiga Jennifer Strickland.

—JIM BURNS, PHD  
PRESIDENTE, HOMEWORD

O livro *Garota Perfeita*, de Jennifer Strickland, irradia uma luz forte nas trevas do mundo da moda. A história de Jen como uma jovem fascinada pela fotografia e pela carreira de modelo abriu os meus olhos para a realidade da vida de muitas garotas que vemos nas revistas e nos outdoors. Eu recomendo que toda garota leia este livro. Aprenda com as experiências de Jen – sucessos e erros – e leia o que ela passou a pensar sobre beleza, “perfeição”, sobre o fato de lidar com expectativas e exigências elevadas, e sobre a experiência da verdadeira liberdade.

—BECKY BAUMGARTNER  
PRESIDENTE, FRIENDS OF BETHANY HAMILTON FOUNDATION

Jennifer escreve com bastante honestidade sobre a sua jornada em um mundo no qual o valor é determinado pela aparência. A garota na foto era bonita, mas o preço era uma alma vazia, oca. Bem no seu interior, sentada à mesa, ela susurra a palavra “Deus” e é apresentada Àquele que pode amá-la profundamente e libertá-la da “perfeição”. Poucos viverão no mundo em que ela viveu, mas

muitos precisam ouvir a sua mensagem, sobre a tragédia de ser capturada na busca pela aparência e de perder o lugar onde a verdadeira vida, alegria e paixão realmente repousam.

—NANCY ORTBERG  
ANTIGA PROFESSORA DE ESCOLA BÍBLICA, WILLOW CREEK COMMUNITY  
CHURCH

*Garota Perfeita* é a viagem de uma garota pelas promessas vazias da perfeição feminina e por uma vida de liberdade, alegria e esperança abundantes.

—ALLIE MARIE SMITH  
FUNDADORA, WONDERFULLY MADE

Uma história sincera, terna e poderosa! A voz de Jennifer fisgou meu coração e eu não consegui me separar do livro até terminá-lo. Se você deseja ser a garota que Deus criou, dentro dessas páginas você encontrará um mapa em direção à terra da liberdade. Você também pode se libertar, ser curada e surfar nas ondas dos seus sonhos! Jennifer é uma luz que irradia coragem e graça, um exemplo para mulheres de todas as idades.

—CHRISTINA DIMARI  
AUTORA, *OCEAN STAR*

*Garota Perfeita* é uma leitura inspiradora. Através das experiências absurdas e desagradáveis de Jennifer na “bela indústria” da moda, ela compartilha o quanto essa indústria a deixou vulnerável e vazia, e que somente o Senhor pode preencher o vazio em nossas vidas e curar nossos corações. Ela nos ensina que Deus criou cada garota de maneira única, e que se não somos perfeitas aos olhos do mundo, somos perfeitas aos olhos de Deus. Eu amo a maneira como a Jennifer tece a sabedoria dos versos da Bíblia em cada capítulo desse livro. Este é um livro maravilhoso para todas as garotas.

—SHANNON MCINTYRE  
APRESENTADORA DE TV, *ON SURFARI*

# *Garota* Perfeita

Confissões de uma  
ex-modelo de sucesso



Jennifer Strickland

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por:

© 2010, BV Films Editora Ltda  
e-mail: comercial@bvfilms.com.br  
Rua Visconde de Itaboraí, 311 – Centro – Niterói – RJ  
CEP: 24.030-090 – Tel.: 21-2127-2600  
www.bvfilms.com.br / www.bvmusic.com.br

É expressamente proibida a reprodução deste livro, no seu todo ou em parte, por quaisquer meios, sem o devido consentimento por escrito.

Garota Perfeita  
Originalmente publicado em inglês por Excel Books  
A Strang Company  
600 Rinehart Road  
Lake Mary, Florida, 32746  
www.strangdirect.com

Diretor de Arte: Bill Johnson  
Arte da capa: Amanda Potter  
Fotos: © Mike Blanchot

Copyright © 2008 by Jennifer Strickland  
Girl Perfect  
All Rights Reserved  
Translated and used by permission of Strang Communications Company

Editor Responsável: Claudio Rodrigues  
Coeditor: Thiago Rodrigues  
Diagramação: Cora Figueiredo  
Tradução: Daiane Rosa Ribeiro de Oliveira  
Revisão de Texto: Mitsue Siqueira da Silva  
Stella Rodrigues Rosemberg  
Ariana Fátima Chrisostomo Baptista

ISBN 978-85-61411-49-7  
1ª edição – Novembro/2010  
Impressão: Promove  
Classificação: Vida Cristã/Testemunho

Available in other languages from Strang Communications, 600 Rinehart Road,  
Lake Mary, FL 32746 USA, Fax Number 407-333-7100 www.strang.com

Impresso no Brasil

Para Shane,  
Porque você acreditou que eu era capaz.  
Eu amo você, sempre e para sempre.

## Agradecimentos

**E**u nunca acreditei que nós passamos sozinhos pela vida. Mas nos momentos mais solitários da minha vida, eu não fazia ideia de que Deus estava ali comigo. Pai, muito obrigada pelo infinito amor que o Senhor me revelou através do Seu Filho. Jesus, obrigada por morrer por mim, por me salvar e me libertar. Eu amo o Senhor além dos limites do meu coração e mal posso esperar para vê-LO um dia, face a face.

Mamãe e papai: se não fosse pelo fato de vocês me deixarem livre neste mundo, eu nunca descobriria o verdadeiro significado da liberdade. Obrigada pelo apoio incondicional, mesmo quando foi difícil ouvir-me falando a verdade. A grande coragem de vocês tocará e transformará vidas além dos nossos sonhos mais extravagantes! Obrigada do fundo do meu coração.

Linda e Larry: quando me casei com Shane, sabia que estava adquirindo uma joia; mas não sabia que por trás dele havia um grande tesouro. A fé de vocês sempre foi o meu farol, minha rocha e meu refúgio. Sou extremamente agradecida pelo amor sacrificial de vocês, pelas incontáveis horas investidas em nós e em nossos filhos, e pela certeza de que Deus me chamou para ser uma voz para Ele. Sem vocês, isso não seria possível. Obrigada.

Olivia e Zach: a mamãe ama vocês com um amor eterno. Sejam fortes e corajosos. Nunca fiquem com medo de compartilhar suas fraquezas, para que a força de Deus brilhe através de vocês. Lembrem-se, não há condenação para aqueles que estão em Cristo Jesus. Pela alegria presente em Jesus, Ele aguentou a cruz. Vocês, meus queridos filhos, são a alegria. Vocês são a minha alegria.

Meu irmão, Greg: nos momentos mais escuros da minha vida, foi a lembrança da gente enquanto criança que me fez acreditar que a garotinha encontraria o caminho de volta para casa.

Kristen e Kelly: obrigada por confiarem em Deus e em mim.

Jean e Bob: obrigada por “me conduzirem em oração”. Ele respondeu além do que poderíamos imaginar.

Tricia, Arielle e Jill: a amizade de vocês carrega a marca da verdade; quando eu me desviei, vocês sempre foram fiéis. Que lindo exemplo de amor vocês são.

Stacy: de uma garota perfeita para outra, este livro é para você, irmã.

Greg Johnson: você é meu produtor, mas, acima de tudo, meu herói por acreditar em uma nova escritora e uma nova voz em uma nova geração. Você também acreditou que eu era capaz. Obrigada pela sua coragem!

Lori e Jim Kennedy: obrigada por tudo o que vocês fizeram para tirar esse projeto do papel e visualizá-lo.

Kristen Smith, Megan Carter, Wendy Sylvester, Lori Kennedy e Katie Hickey: amigas iguais a vocês não existem.

Ao meu grupo de oração: vocês foram ouvidos! Obrigada.

Caris, Rashelle e o nosso grupo “Tenha Amigas Verdadeiras”: vocês me inspiraram a acreditar que a mudança contínua e a fé são verdadeiramente possíveis para a geração de vocês. Obrigada!

Para Debbie Marrie, Donna Hilton, Deborah Moss e Bárbara Dycus – minhas irmãs em Cristo que derramaram seus corações na realização desse projeto: obrigada por utilizarem o dom de vocês para ajudar a realizar os sonhos de uma jovem garota; e para todos da Strang: vocês são inspiração para aqueles que temem ouvir o Espírito por medo do que pode acontecer! Bravo! Bravo!

Finalmente, ao Shane – o meu príncipe nesta Terra, que veio montado em um cavalo feroz: obrigada por sempre lembrar-me de viver a minha mensagem e caminhar em humildade e graça. Não há outro lugar que eu mais ame estar do que em seus braços. Você é um instrumento vivo do amor de Deus em minha vida.

## Nota do Autor

**T**odos os acontecimentos descritos nesse livro são verdadeiros. Algumas identidades foram mudadas para proteger a privacidade das pessoas envolvidas.

Os fotógrafos escolhidos para apresentar fotos para esse livro não estão, de maneira alguma, relacionados aos fotógrafos que me trataram com mediocridade enquanto eu era modelo. Eu decidi *não* pedir permissão para utilizar as fotos de fotógrafos que, de alguma maneira, me desrespeitaram. Ao invés disso, os fotógrafos cujos nomes aparecem nos créditos da sessão de fotos foram profissionais, pessoas honestas que me trataram com muito respeito.

Agradeço em especial a Giorgio Armani, Tombolini, NafNaf, *Vogue* italiana, *Bella*, Jordache, Sergio Caminata, Marco Glaviano, Fabio Coppi, Zee Wendell, Jim Bonner e Tony Aquilano, os quais, sem reservas, apoiaram meus esforços de ajudar jovens mulheres.

# Índice

Prefácio por Stephen Arterburn .....	<i>xi</i>
Introdução .....	<i>I</i>
1 A Afirmação Perfeita .....	9
<i>Garotos e Sexualidade</i>	
2 A Aceitação Perfeita .....	35
<i>Garotas, Inveja e o Jogo da Comparação</i>	
3 A Imagem Perfeita .....	57
<i>Tornando-se Real</i>	
4 O Corpo Perfeito .....	79
<i>Distúrbio Alimentar, Insatisfação e Luta por Controle</i>	
5 A Aparência Perfeita .....	101
<i>Moda, Orgulho e a Verdadeira Beleza</i>	
6 O Sonho Perfeito .....	121
<i>Dinheiro e Sucesso</i>	
7 A Fuga Perfeita .....	151
<i>Solidão, Drogas e Suicídio</i>	
8 O Caminho Perfeito .....	173
<i>O Caminho Largo e o Caminho Estreito</i>	
9 A Satisfação Perfeita .....	195
<i>O caminho para a Cura</i>	
10 A Liberdade Perfeita .....	213
<i>Um Lindo Mosaico</i>	
Notas .....	225
Apêndice: Linha do Tempo da Carreira de Modelo de Jennifer Strickland .....	226

Deixou, pois, a mulher o seu cântaro, e foi à cidade, e disse àqueles homens: Vinde, vede um homem que me disse tudo quanto tenho feito. Porventura não é este o Cristo? E muitos dos samaritanos daquela cidade creram nele, pela palavra da mulher, que testificou: Disse-me tudo quanto tenho feito.

—JOÃO 4:28-29, 39

## Prefácio

**A**pós ter contribuído para o livro *Every Young Woman's Battle* [A Batalha de Toda Jovem] com Shannon Ethridge, eu entendo melhor do que nunca que a nossa cultura traçou uma armadilha para a sua geração de jovens meninas.

Para muitas sentirem a aprovação que desejam, é preciso, de alguma maneira, alcançar um alvo irreal de perfeição. Uma vez que “perfeição” é um ideal inalcançável, você está destinada ao fracasso. Enquanto todos nós ansiamos ser amados e aceitos por quem realmente somos, sua geração está presa a padrões que as rejeitam por causa das suas imperfeições, corroendo então o precioso “valor de Deus” que somente Ele pode dar.

Distúrbios alimentares, depressão, suicídio, drogas, “ficadas” cada vez mais frequentes e ódio por si mesmas são apenas alguns sintomas reveladores que essas garotas – você ou suas amigas – estão sofrendo com uma cultura que exige que sejam algo que nunca foram criadas para ser: impecáveis.

A mídia, claro, inunda você com imagens de corpos perfeitos, tentando enganar severamente a quem puder com a crença de que a perfeição é possível e de que a beleza exterior se iguala a satisfação interior. Photoshop, aplicações de Botox e cirurgias plásticas fazem a garota normal, com aparência “real”, se sentir menos bonita e, portanto, menos capaz de ser amada. Muitas garotas inconscientemente desejam que um mundo cruel satisfaça o simples desejo do amor incondicional... apenas para ter em troca um coro de vozes de condenação ou um silêncio mortal.

*Garota Perfeita* chega no momento em que as garotas mais precisam. Ele reconhece e simpatiza com os anseios do coração de toda garota: anseios de serem valorizadas e aceitas mais que seus corpos, e desejos

profundos pela aceitação perfeita, pela imagem perfeita, pelo sonho perfeito. Este é um livro que veio na hora certa: a ex-modelo profissional Jennifer Strickland, desvela as armadilhas que a nossa cultura está lançando nas garotas.

De uma vez por todas, ela rompe as ilusões dessa geração sobre beleza e satisfação à medida que descreve com detalhes agonizantes a miséria gerada com o fato de ser uma garota “imperfeita” em um mundo que exigiu dela nada menos que perfeição. Ao expor o ódio por si mesma por detrás das máscaras que ela vestia, ela revela o coração de Deus para todas as garotas aprisionadas por padrões que não podem alcançar.

Essa geração precisa ouvir de alguém que já esteve lá! Ao finalmente dar voz às faces da “perfeição” que é encontrada nas revistas, Jennifer abafa as vozes com o trovão ressoante da verdade de Deus: a melhor escolha que as garotas têm é buscar se libertar das correntes que as prendem. Como observa Jennifer, a liberdade é possível na Terra, mas a perfeição é reservada apenas para o céu.

Este livro visa jogar uma nova luz em uma antiga questão: todos necessitamos do amor. Mais do que precisar de um corpo perfeito, ou de uma aparência perfeita, ou da imagem perfeita, precisamos do amor perfeito. Afinal, o amor é a única coisa que durará para sempre; ele é, nas palavras de Jennifer, “a única ‘perfeição’ que encontraremos.”

Você ou alguém que conhece precisa, não apenas ler este livro, mas verdadeiramente guardá-lo no coração e no espírito. Eu oro para que ele ilumine verdades que você ainda desconhece.

—STEPHEN ARTERBURN  
APRESENTADOR DE *NEW LIFE LIVE!*

## Introdução

“Alguna de vocês sente-se pressionada a ser perfeita?” Pergunto para uma sala repleta de garotas com semblantes curiosos. Dentre as vinte e cinco garotas, vinte e três levantam suas mãos. Tenho vontade de chorar. Sinto vontade de gritar. Tenho vontade de bater os pés e cortar os pulsos. Ao invés disso, entro em uma turbulência em meus pensamentos ao pensar como a expectativa de ser perfeito é absolutamente ridícula, e como todas precisam livrar-se dessa fria, *agora!*

Descobri então, que deveria escrever um livro sobre a busca da perfeição, para falar intimamente com essa geração sobre isso. Eu sabia que era preciso fazer isso, sim. Mas eu nunca *senti* essa vontade do fundo do meu coração – até o momento em que vi a face dessas garotas. Rostos amáveis e sem rugas, com olhos largos, inquisitivos, e às vezes cortantes, e suas mãos, erguidas, buscando.

“Como assim?” Eu perguntei.

Assim como as garotas da escola, que sabem todas as respostas corretas, elas mal podem esperar para serem novamente chamadas. A pressão vem da mãe, do papai, das notas, esportes, aparência, sucesso, conquistas, do seu próprio corpo, da fé delas, e essa pressão tem deixado algumas delas enlouquecidas. Parece que elas têm duas escolhas: ou internalizam e lutam contra isso, ou fogem completamente desse propósito.

Entretanto, presas na armadilha dos corpos adolescentes, elas precisam viver neste mundo – elas têm escolas, famílias e o futuro diante delas. Então a pressão *é* a realidade delas. Assim como quando colocamos excesso de pressão em qualquer coisa, a impressão que temos é a de que tal coisa vai explodir.

E se explodir, haverá vazamento e rachaduras.

Haverá lágrimas. Haverá gritos. Haverá gemidos. As máscaras cairão e a verdade virá a tona – sendo verdade que, elas são imperfeitas e anseiam ser amadas como são.

Este livro, garotas, é para vocês. É a maneira que encontrei de proteger vocês enquanto permitem que tudo aconteça. É a maneira encontrada de dizer a vocês que a liberdade é possível – como eu me libertei da perfeição, verdadeiramente – na esperança de que vocês permitam que Deus desfaça as cadeias que lhes aprisionam.



Quando ainda uma garotinha, repousando sob o cobertor de madrugada, meus olhos tremiam abertos e fixos nos trabalhos de máscaras pendurados sobre a janela do lado oposto à minha cama. Em todo lugar que eu ia quando criança, queria comprar uma máscara para levar pra casa para acrescentar à minha coleção. Eu adorava a perfeição de suas macias faces de porcelana, lágrimas desenhadas em bochechas levemente coradas, lábios pressionados e congelados no tempo. Quando as minhas amigas iam passar a noite comigo, todos aqueles olhos vazios encarando-as as assustavam demais. “Essas coisas são assustadoras”, elas diziam. Mas eu não achava; eu adorava as minhas máscaras. Eu as achava perfeitas, aparências imutáveis que eram... lindas.

Desde quando eu era apenas uma garotinha, saltando e rolando sobre a grama verde esmeralda que servia de cobertor gigante para o nosso jardim, sou fascinada pela perfeição. Eu adorava me esconder nos troncos arqueados dos grandes carvalhos, brincar no riacho que corria atrás da margem do nosso gramado e assistir o sol refletir na água como se existissem diamantes derramados sobre as rochas. Eu costumava deitar na grama quente, que fazia cócegas, e olhar para a silhueta das folhas do carvalho contra o céu incandescente. E, mesmo que eu soubesse que não devia, eu sempre tentava olhar diretamente para o sol apenas por um momento para que pudesse ver a luz brilhando com toda a sua força.

A minha mãe diz que eu sempre quis as coisas perfeitamente ajustadas – roupas íntimas cuidadosamente dobradas nas gavetas e sapatos alinhados no guarda-roupa. Eu queria cada fio de cabelo no lugar e fazia

bico se não estivessem. Na escola, eu gostava de 10 e não de 9,5 ou 9,8, e era capaz de ter ataques de choro se eu não alcançasse o que esperava.

Assim como muitas garotas, eu gostava da ideia de ser amada. Eu queria que os garotos gostassem de mim, que as meninas fossem minhas amigas e que meus pais e professores me aprovassem. No fundo do meu coração, eu queria o que toda garota nesse mundo quer: paz, amor e felicidade. Minhas melhores amigas e eu costumávamos colocar os símbolos dessas palavras em nossas anotações, armários e capas de livro: símbolos de paz, corações e *smiles*. Era tudo o que queríamos da vida. Eu mal sabia que iria cruzar o globo em busca desses ideais em um mundo que não podia me proporcionar o que eu buscava. Só depois desse mundo me esmagar, me estapiar e fazer com que eu alcançasse o fundo de mim mesma, que eu descobri que paz, amor e felicidade estavam, todo esse tempo, bem ao meu alcance; eles estavam bem ali, no meu jardim.

A caminho da conclusão do Ensino Fundamental, eu era esquisita da cabeça aos pés. Os meus longos braços e pernas ficavam no caminho enquanto eu corria e brincava. Eu usava um aparelho grande e grosso ligado a um arco que agarrava no meu cabelo crespo, que crescia a cada minuto mais parecido com um ninho de passarinho. Para completar, eu quebrei os dois cotovelos quando caí do alto do nosso trailer, enquanto brincava de As Panteras, então eu tive que ir à escola usando faixas e ataduras duplas. Vamos apenas dizer que ninguém me achava uma gracinha!

Como eu era um tanto estabanada, a minha mãe tentou de tudo para me ajudar a ganhar equilíbrio – dança, sapateado, balé, tudo o que eu detestava – e o meu pai tentou softbol, mas eu não conseguia acertar ou pegar, de jeito nenhum, uma bola sequer que vinha em minha direção, então isso não tinha graça para mim. Por fim, a minha mãe ouviu falar de um cursinho de modelo em uma escola bastante charmosa em nossa região e me matriculou. Para a surpresa de nós duas, eu amei!

Com o tempo, tirei o aparelho, meu cabelo cresceu e eu fiquei mais alta. A escola de modelo se tornou um mundo no qual eu me encaixava – um lugar onde eu descobri algo em que era boa. Eu treinava postura,

eu caminhava sobre uma rampa com uma lista telefônica na cabeça, tinha aulas de maquiagem e até de ficar em pé como um manequim em uma vitrine. Nos anos seguintes, enquanto as minhas amigas se preocupavam com a liderança de torcidas, aulas de dança e torneios de vôlei, eu ia para as aulas de modelo, *castings* e ensaios fotográficos.

Aos dezessete anos, eu fiquei com o coração partido por causa de um amor de escola que havia terminado, me sentindo rejeitada e odiada por muitos no colégio, desejando apenas sumir. Parece que o meu ticket para a liberdade veio quando eu recebi um contrato de modelo de uma agente mundialmente reconhecida, Nina Blanchard, e uma bolsa para a Universidade da Califórnia do Sul. Certamente o futuro seria promissor e eu não encontraria problemas em conciliar a escola e a carreira de modelo. Eu viajei para a Europa na semana seguinte à formatura do Ensino Médio. Eu estava com dezessete anos e sozinha em Hamburgo, Alemanha. Eu não queria voltar para a faculdade; eu queria ir à Paris, Nova York e Milão com as outras modelos, em busca do meu sonho.

Mas durante algumas ligações chorosas para meu irmão e minha agente, eu decidi voltar para casa. Os quatro anos seguintes foram um furacão – trabalhando na Europa durante o verão, morando na Alemanha, Paris, Grécia, Austrália e Milão; e então voltando à Los Angeles para estudar durante o outono, gravar comerciais de TV, campanhas publicitárias, catálogos e aulas. Eu cresci rapidamente.

Eu vivia em um mundo que se baseava na “perfeição”. Se eu não estivesse perseguindo a perfeita aceitação das pessoas na indústria de modelos, eu estava buscando a completa aceitação das pessoas na faculdade. Quando eu não buscava o corpo perfeito para a empresa, eu estava buscando a nota perfeita, a redação perfeita ou a classificação perfeita.

Sem perceber, eu passei os próximos dez anos buscando essa perfeição que tanto me atraía quando eu era criança, como se ela fosse trazer a satisfação que eu desejava. Acreditando nas mentiras sobre beleza, amor e felicidade que o mundo conta para as mulheres, eu saí em busca da perfeição até ela quase me matar: o tamanho perfeito, a forma perfeita, a imagem perfeita, a aparência perfeita, a aluna perfeita, a filha perfeita, o

caminho perfeito, a fuga perfeita. Mais tarde, mesmo após abandonar a carreira de modelo aos trinta e três anos, eu tentei ser uma cristã perfeita. E isso resultou em querer ser uma esposa perfeita que administrava uma casa perfeita, até que isso também quase me destruiu. Somente após dez anos vivendo uma vida de fé que eu finalmente percebi isso. Aqui não é o Éden – *não há perfeição* aqui.

A perfeição existe apenas no céu. Ao nos render a essa verdade, podemos encontrar liberdade aqui na Terra, liberdade das mentiras que nos levam a crer que somos *menos*, porque somos *todos* menos perfeitos.

Nenhuma vez, em todos os meus anos de modelo, eu senti que poderia alcançar os padrões do mundo ao meu redor. Eu também nunca me senti essa pessoa perfeita que a carreira exigia de mim – o tipo de garota que sempre aparentava estar “bem” por fora, independente de como ela se sentisse por dentro. Esse nunca foi o meu ponto forte. Meu rosto geralmente entrega o modo como estou me sentindo, de tal modo que, algumas vezes, a minha expressão me colocou em situações complicadas!

Mas, a fim de comportar-me como modelo, eu precisei aprender a vestir as máscaras. E eu aprendi. Eu vesti muitas máscaras. Eu as vesti tão bem que nem os meus próprios pais as percebiam. Quando eu abandonei a carreira e a indústria da moda, em busca de uma vida mais autêntica, descobri que a minha mãe tinha um grande espaço na parede da nossa casa, em que se encontravam fotos minhas – fotos de ensaios fotográficos, páginas de revistas, anúncios e capas de revistas.

Furiosa, eu exigi que ela retirasse todas aquelas fotos. Naturalmente, ela estava confusa; a exposição representava o orgulho que meus pais tinham da carreira da filha. Mas eu sabia algo que eles não sabiam – aquelas fotos eram apenas máscaras, e as histórias por trás de algumas delas eram muito amargas até mesmo para retransmiti-las àquela altura do campeonato.

No auge da minha carreira, desfilando nas passarelas para Giorgio Armani, em Milão, eu percebi que por trás do verniz, eu havia me tornado uma concha vazia. Eu literalmente saí das luzes da passarela para a escuridão da vida nos bastidores, e isso foi como uma venda retirada dos

meus olhos. Pela primeira vez, eu pude ver claramente. Ao meu redor, os belos rostos e corpos esculpidos pareciam manter prisioneiros dentro deles. É possível que o vazio que eu via nas modelos a minha volta fosse apenas um reflexo do vazio existente em minha própria alma, mas o importante é que *eu vi*.

Porém, eu não queria encarar essa situação; eu trabalhei duro para chegar aonde cheguei. Então, o ritmo frenético da elite fashion se tornou meu próprio ritmo – viajando de país a país, de emprego a emprego, de ensaios fotográficos à cadeira de maquiagem, à academia, e então o ciclo se iniciava mais uma vez. A minha vida girava continuamente em torno de si mesma, como se eu estivesse presa a um tornado do qual eu não conseguia escapar. Eu queria ser libertada de toda essa pressão – a pressão de ser perfeita – mas eu não fazia ideia de como sair e que direção tomar, ou a quem recorrer. Eu era uma prisioneira, e as correntes que me prendiam eram, na verdade, correntes reais que eu mesma coloquei em mim.

Sem saída, a minha vida foi sugada tão rapidamente, como em uma descarga, que eu nem percebi que isto estava acontecendo. Com o tempo, esse redemoinho me atirou para fora. Quando eu aterrissei, todos os sentimentos de inadequação cavaram seu caminho para fora do meu coração e apareceram no meu rosto e no meu corpo. Eu não podia mais esconder o vazio interior.

Foi nesta época quando eu estava, como dizem, pele e osso, usando drogas, pensando em suicidar-me, completamente confusa e sozinha, que eu descobri um amor perfeito que preencheu as cavernas do meu coração. Esta foi a maior descoberta da minha vida: um amor que lavou todas as imperfeições. Este amor me levou de volta àquele estágio inocente, quando eu não me importava com o que as pessoas iriam pensar, e eu passei a caminhar em liberdade. As correntes que entrelaçavam minha alma foram quebradas continuamente, uma a uma. O amor me libertou.

A leitura deste livro lhe proporciona um vislumbre do que, na realidade, foi a minha vida como modelo profissional. Porém, mais importante do que dar a você uma passagem para os bastidores do mundo da moda, eu desejo compartilhar as lições que aprendi pelo caminho. É por

esta razão que você perceberá que cada capítulo traz consigo um princípio chave, e dentro desse capítulo eu compartilho várias experiências que me levaram a entender esse princípio e o papel que ele desempenhou em minha jornada rumo à liberdade. Isso significa que as minhas histórias nem sempre são organizadas na ordem que aconteceram, ao invés disso, são agrupadas em relação ao tópico discutido em cada capítulo. Uma linha do tempo de toda a minha carreira como modelo foi incluída como apêndice no final deste livro, e o meu desejo é que ela seja uma ferramenta útil durante a leitura deste livro.

Apesar deste livro conter flashes da história da minha carreira, na verdade, ele não é sobre *min*. Ele é sobre *you* – aquela garota dentro de você que certa vez caminhou com tanta liberdade ou, pelo menos, desejou caminhar. Ele diz respeito àquela sua parte inocente que ainda deseja um pouco mais que paz, amor e felicidade. É para você que eu escrevo – para a pequena garota dentro de você que se encontra nesta jornada em busca da perfeição.

Esteja você em busca do amor perfeito, do corpo perfeito ou de uma saída perfeita, existe algo que nos une: todos nós sofremos para encontrar aquilo que satisfará os desejos do nosso coração. E, lá no íntimo, todos nós desejamos um vasto e feroz rio de amor, que flua em nós e através de nós, para nos conduzir por este tumultuado lugar chamado Terra.

Somente após as minhas máscaras perfeitas caírem da parede da minha mente e se quebrarem em milhares de pedaços que Deus pôde juntar em meu jovem coração, formando um mosaico ainda mais bonito do que antes. São os pedaços das minhas ilusões perdidas que eu trago até você nas páginas deste livro. E é olhando para o mosaico que Deus criou usando os cacos do meu coração quebrado que eu creio que você será capaz de ver quem Ele originalmente nos criou para ser.

Você é uma *garota perfeita* como eu? Uma garota que deseja um amor perfeito em um mundo imperfeito? Eu acredito que você seja. Porque, como diz Jack London, todos nós somos feitos da “mesma estrutura incompreensível”, do mesmo “pó cósmico e maravilha”<sup>1</sup>. Sim, somos feitos da mesma matéria, minha amiga. E desejamos a mesma liberdade. Eu

convido você a embarcar nessa jornada comigo, de mãos dadas, como duas Dorothis na estrada para Oz. Essa estrada de tijolos amarelos pode contar com algumas deformações, voltas, subidas, descidas e certamente um tornado ou dois, mas, com o tempo, nos conduzirá de volta para casa, para o nosso jardim, onde existem tesouros esperando por nós... e onde é, verdadeiramente, o nosso lugar.

## Capítulo 1

# A AFIRMAÇÃO PERFEITA

## Garotos e Sexualidade

“  lguas vezes você está absolutamente linda e outras vezes totalmente feia – nunca no meio termo”, diz o fotógrafo sem rodeios, o seu rosto escondido atrás de uma grande lente negra. Ele diz isso como se eu fosse um objeto, uma amostra que ele examina no laboratório.

Após as fotos ele pede para eu abrir o roupão para que ele veja os meus seios.

Isso não é raro na Europa. Muitas vezes me pediram para experimentar sutiãs e roupas íntimas em frente a um grupo de pessoas. E na Europa, garotas aparecem de topless na Vogue, Elle e Marie Claire, só para citar algumas revistas. Elas fazem topless na praia, por incrível que pareça. Então, para eles, isso é normal.

Mas eu sou americana. Para mim, isso não é normal; isso me deixa extremamente desconfortável. Certamente, essa não foi a educação que eu recebi, nem reflete a maneira como fotógrafos e agentes me tratam na minha terra natal. Porém, este é o meu terceiro período de trabalho na Europa, então eu estou acostumada a isso.

Como eu sou estúpida, eu abri o meu roupão.

“É uma pena que eles sejam tão pequenos”, ele diz sarcasticamente enquanto eu amarro o meu roupão, já arrependida do que havia feito. “Italianos gostam de mulheres com seios grandes.”

*Eu recordo que a maioria dos fotógrafos com quem trabalho está simplesmente fazendo o seu trabalho. De dez fotógrafos, nove são legais, homens profissionais. Mas, à medida que a fumaça do seu cigarro preenche o ar, eu percebo que este cara não é tão legal.*

*Lançando uma defesa incontestável em minha mente, eu penso sobre como eu intencionalmente perdi peso antes de vir a Milão. Recém-formada na faculdade, eu estava finalmente livre para trabalhar na Europa por quanto tempo eu quisesse, e eu queria muito estar nas passarelas. Eu precisava ser magra como um lápis, então, o que eu podia fazer?*

*Eu me afastei de tudo: comida, álcool, gordura, calorias. E todos os dias eu corria como uma louca na praia. E acho que até perdi a minha feminilidade lá na praia, porque não havia restado muito de mim. Não que isso importasse. Eu nunca fui o tipo de modelo de biquini mesmo – nunca tive corpo para isso.*

*Imediatamente, eu odeio o fotógrafo por ter falado comigo dessa maneira. O que eu deveria ter feito era sair dali, mas eu não fiz. Eu simplesmente engoli, como vinha engolindo coisas por tantos anos, vestindo a máscara que diz: “Eu sou forte, o que você diz não significa nada para mim. Isso não tem impacto na maneira como me vejo.”*

*A verdade é que eu me odeio tanto quanto o odeio. Eu me odeio por desejar tanto a aceitação a ponto de me expor a essa cobra. Eu me odeio porque o verdadeiro motivo de ter vindo nesse estúdio foi simplesmente para fazer um “ensaio” fotográfico, fazer “belas” fotos para uma revista popular local que deseja me usar no segmento de maquiagens deles – sabe, aquelas fotos em que vemos uma garota lavando o rosto, aplicando corretivo, fazendo as sobrancelhas, e coisas desse tipo. Sem dúvida, eu não esperava que ele me pedisse para abrir meu roupão e me oferecesse maconha após as fotos.*

*Mais tarde, enquanto ele me leva para casa, debaixo de um temporal, em seu pequeno carro europeu deslizando pelas ruas, eu abro a janela.*

*“A sua maquiagem e o seu cabelo ficarão molhados”, ele adverte.*

*“Eu não me importo”, digo amargamente, colocando o meu rosto na direção do vento. Eu quero ficar molhada. Sinto-me suja. Estou drogada, com raiva e muito longe de casa.*

*Ao voltar ao meu apartamento, eu tomo um banho escaldante, retirando furiosamente a minha maquiagem. À medida que as gotas de água caem sobre o meu pescoço e ombros cansados, eu inclino a minha cabeça e deixo as lágrimas caírem. Eu quero que a água leve o que eu fiz. Eu quero lavar essa névoa que esmaga a minha cabeça. Porém, mais do que tudo, eu quero que a água leve as suas palavras embora: “Algumas vezes linda... outras feia... é uma pena que sejam tão pequenos.”*

*Mal sabia eu que essas palavras iriam se enraizar tão profundamente em meu coração que eu me sentiria como uma imbecil todas as vezes que as roupas não se adequassem ao meu corpo. Constantemente eu sentiria medo de parecer feia se eu pegasse o caminho errado, e acabaria indo de pessoa a pessoa em Milão, para buscar aquele sinal de aprovação que eu acreditava que iria me afirmar.*

*Por enquanto, em pé sob as gotas do banho quente, eu tentava fazer com que a água levasse tudo aquilo embora. De forma que eu pudesse levantar no dia seguinte, vestir a máscara novamente, e fingir que as coisas que ele disse sobre mim não me incomodavam nem um pouco.*

---

## O Que Realmente Desejamos

**Afirmção:** *validar, confirmar; declarar positivamente; afirmar, expressar dedicação a.*

O mundo nos diz que a nossa afirmação vem dos homens. Se um homem diz que você é bonita, então você é. Se um cara diz que você é inteligente, então você é. Se ele está atraído por você, então você vale a pena. Você é validada. Por outro lado, se um homem diz que você não é o tipo de garota com quem se marca

um encontro, ou que você é feia, estúpida ou detestável, então é nisso que você vai acreditar.

Por que não dizer até mesmo que o mundo exige que os nossos valores venham da nossa capacidade de seduzir? Em outras palavras, se somos sexualmente atraentes, somos tudo. Somos *explosivos*. Se não somos, então não valemos muito.

---

É fato que em nossa sociedade, as nossas garotas se sentem pressionadas a parecerem mais velhas e sexualmente atraentes. A primeira vez que senti isso, eu tinha apenas dez anos de idade. Eu cheguei ao hotel, segurando a mão da minha tia. Quando eu analisei a piscina, repleta de modelos com longas pernas, que usavam salto alto e biquínis, fotografos bajulando-as, imediatamente me senti inadequada. Os biquínis das modelos eram preenchidos por quadris bem alinhados e arredondados. À medida que elas saíam da água, pequenas gotas se aderiam à sua pele oleosa e bronzeada. Elas eram tão artificiais, tão mulherões.

Mas o fotógrafo não parecia preocupado com o fato de eu ser uma *criança*. Primeiro, ele me colocou em frente a uma cascata, posando com um leão gigante de pelúcia. Mas quando ele tirou o animal e eu fiquei de pé, usando o meu traje de banho com estampa de arco-íris que se esticava ao redor do meu peito liso como uma panqueca, eu de repente me senti constrangida pelos finos pelos brancos em minhas pernas, pelo meu corpo de menina e a minha incapacidade de ser sexualmente atraente.

Mais tarde, ele me fez escalar uma árvore e olhar para baixo em direção à câmera para um *close-up*. “Maravilhosa!”, ele exclamou. “Você parece ter dezoito anos nessa foto! Perfeito, perfeito.” Então, *click, click, click* e desligou a câmera.

E foi assim. Eles iriam me aplaudir quando eu parecesse uma mulher, quando eu fosse sexualmente atraente, mais velha do que era, e quando eu fosse algo que, no momento, realmente não era.

Você pode não ter estado em frente a uma câmera como eu estive, mas provavelmente você experimentou sentimentos de constrangimen-

to semelhantes a este, quando se comparou a garotas fisicamente mais maduras ou a jovens mulheres. É um fato da vida que as garotas só são validadas se parecerem mais velhas do que são – pelo menos até alcançarmos os trinta anos, quando a sociedade começa a nos dizer que devemos parecer mais jovens! Mas, deixando isso de lado, quando se trata de garotas, o mundo tende a estar com pressa de transformá-las em mulheres.

Em resposta, à medida que as garotas que respondem ao mundo em que vivemos, buscando validação e famintas por afirmação, nós temos pressa de ganhar curvas, de menstruar, de nos tornarmos adoráveis e prontas para nos tornarmos namoráveis e desejáveis. Depois, devemos nos casar, ter filhos, ter a casa mais bonita, e a lista continua crescendo. Por quê? Porque queremos ser rotuladas como boas o suficiente, belas, ou melhor, perfeitas.



No fundo eu era apenas uma colegial que desejava ser aplaudida, ouvir alguém dizer que fiz um bom trabalho ou que me amava!

### Uma Rápida Palavra a Respeito dos Meus Pais

Antes de me aprofundar nessas histórias, preciso fazer uma ressalva a respeito dos meus pais que permanecem em todo o livro: eles sabiam muito pouco do que verdadeiramente acontecia por trás das cenas na indústria de modelos. Havia três razões para isso:

Primeiro, eles eram ingênuos e ignorantes sobre o negócio; segundo, eles negavam – eles não queriam acreditar que alguém poderia tentar tirar

proveito da menininha deles – então, eles não perguntavam pelos detalhes. Eles consideravam as minhas oportunidades como modelo raras e excitantes e, em resumo, eles queriam que eu tivesse sucesso; terceiro, eu nunca contei para eles o que acontecia nos bastidores. Se eu contasse, talvez eu tivesse adquirido um passaporte de saída muito mais cedo.

Pode ser de grande ajuda compreender que a minha mãe foi criada em uma família que não permitia que ela tivesse grandes sonhos na vida, então, a última coisa que ela queria fazer era oprimir meus sonhos. Ela queria que eu experimentasse coisas que ela nunca teve a chance de ao menos considerar para ela mesma. Tanto ela quanto o meu pai foram criados em lares nos quais simplesmente não havia uma boa comunicação. No mínimo havia pouca comunicação *honestamente* sobre os assuntos mais pesados. Havia um tipo de código de silêncio herdado na geração deles, então eles foram ensinados a *não* falarem sobre problemas considerados particulares.

A nossa casa era bastante cativante e moral. Os meus pais me amavam profundamente, e ainda amam. Eu acredito, contudo, que eles fizeram escolhas muito infelizes em não me protegerem mais ou em não manterem uma comunicação mais íntima comigo, sobre as situações nas quais eu me metia. Mas, na época, eu queria o sucesso tanto quanto eles queriam para mim, então eu vesti aquelas máscaras que os impediam de ver a verdade.

Além disso tudo, a minha agente, Nina Blanchard, tinha uma reputação incrível de integridade e esse status era merecido. Ela era, e é, altamente respeitada na indústria, e ela sempre garantiu aos meus pais que os agentes em outros países fariam o que estivesse ao alcance deles para cuidarem de mim. Eu morei com Nina, em sua mansão em Hollywood, por um verão, e a verdade é, ela tomava conta de nós, modelos, como um falcão. Mas quando o assunto era os agentes estrangeiros, era uma verdadeira farsa.

Os meus agentes pela Europa deixavam as modelos irem a todos os lugares e fazerem tudo o que quisessem. E eles nunca disseram uma palavra sobre as nossas escolhas de estilo de vida, contanto que nos apresentássemos lindas para o trabalho.

Em meu primeiro ensaio fotográfico, a minha mãe quis ir comigo, mas isso não era *chique* na carreira e então eu recusei a sua presença. Eu tinha dezessete anos de idade e tinha uma opinião muito forte, e eu simplesmente jogava diante dela aquilo que eu queria fazer.

Repetidas vezes, mamãe e papai me deixaram viajar sozinha para a Europa. Meus parentes faziam uso daquilo que acreditavam ser a sabedoria popular com relação a mim: ela tem cabeça; ela tira excelentes notas na escola; ela é esperta; ela ficará bem.

Se você hoje perguntar a minha mãe se ela faria tudo isso novamente, os seus olhos se encheriam de lágrimas, o seu semblante cairia e ela diria: “Absolutamente não! Não, nunca. Nunca, nunca, nunca! Eu *nunca* deixaria ela ir sozinha!”

Mas isso é agora. E o que passou não pode mais ser modificado.



O mundo não apenas diz que a nossa validade tem origem em nossa capacidade de seduzir, mas ele também espera que exercitemos essa sexualidade – independente de podermos lidar com as repercussões de nos tornarmos sexualmente ativas. No dia em que eu assinei um contrato de modelo com a Agência Nina Blanchard, Nina me enviou a um fotógrafo de Hollywood para saber como eu me saía em filmes.

O fotógrafo me disse para levar um short, um vestido preto justo que mostrasse o meu corpo, meia-calça e sapatos pretos, assim como tudo o mais que eu quisesse vestir. Quando cheguei em seu apartamento,

ele me mostrou um quadro de cortiça com fotos pregadas com tachas. Apontando para a foto de uma mulher que usava um vestido preto curto, e que estava de pé com as pernas abertas, e punhos serrados como se estivesse a ponto de esmurrar alguém, ele me disse para “representar daquela maneira”.

Eu olhei para a mulher na foto – e ela era uma *MULHER*; com seios grandes e firmes, pernas musculosas e um ar confiante em seus olhos – e eu pensei comigo: “Eu nunca tive este ‘comportamento!’” Eu era apenas uma *MENINA* de uma cidade simples com maneiras simples. Eu não achava que poderia ter este poder magnético em filmes, essa sexualidade envolvente. Mas era exatamente isso o que ele queria. Claro, com o meu desejo de agradar, eu disse a ele que faria o meu melhor.

Tiramos poucas fotos em seu telhado e escada, e então ele me pediu para vestir o vestido preto justo. À medida que ele me conduzia pela calçada, do lado de fora do seu apartamento, alguns garotos assobiaram do outro lado da rua. Com o meu tronco exposto no frio, cotton preto, pernas cobertas por meia-calça e salto alto, de mãos dadas com o fotógrafo – que tinha o dobro da minha idade – eu me senti como uma prostituta. Eu sussurrava repetidamente para mim mesma que eu era uma modelo, não uma meretriz, e havia diferença.

Esta foi uma batalha que continuaria martelando em minha cabeça pelos próximos seis anos, uma vez que inúmeros homens me vestiam da maneira como queriam e me fotografavam. Não, eu nunca cheguei nem perto de vender meu corpo como as prostitutas fazem. Na verdade, a maior parte do meu trabalho era bem americano: Eddie Bauer, Jordache, Oil of Olay, e assim por diante.

Quando olhei para trás, contudo, eu percebi que havia permitido que meu rosto e o meu corpo fossem vendidos e comprados por um preço. Eles eram usados para o que quer que estivessem tentando vender naquele momento – roupas, carros, maquiagens – e depois eram jogados fora quando o objetivo fosse alcançado ou quando alguma garota mais bonita aparecesse. Enquanto isso não incomoda algumas modelos, incomodava o meu coração de menina.

Mas naquele dia na calçada em Hollywood, eu ainda não fazia ideia do que o fotógrafo estava tentando fazer quando me colocou de costas para a parede, gentilmente afastou os meus braços do meu corpo e afastou dos meus ombros os meus cachos suaves e loiros para que caíssem como cascata pelas minhas costas. De volta à rua com a sua câmera nas mãos, ele me disse para imitar a garota na foto que ele havia me mostrado – fazendo pose de furiosa, sexy, ousada.

Recostado no meio da rua, disparando os flashes em minha direção à medida que eu sorria e me apoiava contra a parede, ele continuou me dizendo para me esticar mais, parecer mais brava, afastar as minhas pernas um pouco mais, e um pouco mais e ainda mais um pouco... e seguindo as suas instruções, eu afastei. Passando os meus braços em volta das minhas costas, inclinando-me um pouco para frente sobre um salto, e olhando para a câmera, passando por aquele que tirava as fotos, eu mergulhei na escuridão que existia ali. Eu mergulhei diretamente naquele mundo.

Seria um túnel longo e sinuoso. Enquanto eu ainda era jovem e inocente, eles tentavam extrair a sexualidade de dentro de mim. Levou muito tempo para eu compreender isso, neste mundo, sexo é dinheiro... sexo é poder... sexo é o que eles querem.

Como você pode imaginar, a situação ficou ainda mais obscura e perigosa com o passar dos anos, porque eu me via constantemente em lugares onde ficava sozinha com homens muito mais velhos do que eu. Os homens, na maioria das vezes, eram muito cuidadosos para fazer tudo parecer inocente para quem via do lado de fora, mas do lado de dentro muitos deles queriam algo mais.

Após completar a graduação aos vinte e um anos, eu fechei contrato com a Ford Models New York e a Fashion Model Management, em Milão, e viajei para a Itália para fazer revistas e desfiles. Eu estava há alguns dias no país quando fiz um trabalho de seis páginas para uma revista popular. Nas fotos, eu vestia saias de lã, blusas brancas e suspensórios – um clássico uniforme de colegiais.

Os clientes desejavam que eu fosse jovem e cheia de vida, então eu passei o dia sorrindo, pulando e até dançando no palco em frente à câmera. Eles

decidiram me dar a capa da revista e, no final do dia, a equipe realmente me aplaudiu – eu acho que essa foi a primeira e única vez que isso aconteceu!

Após as fotos, eu caminhava em um corredor levemente iluminado em direção à saída do prédio. Não havia ninguém por perto. Sentindo-me ótima pelo dia de trabalho, eu levava a minha bolsa pendurada em meus ombros e um leve salto em meus passos. Então, de forma inesperada, eu senti a forte mão de alguém segurar meu antebraço. Assustada e chocada, eu me virei e encarei um homem a quem eu havia visto no local onde foram realizadas as fotos do dia. Ele me segurou com muita força. As linhas profundas do seu rosto cauterizaram-se em minha memória. O corredor atrás dele era longo, vazio, sem vida.

Eu tentei perguntar o que ele queria, e mesmo não falando inglês, ele me mostrou com gestos que queria sexo. O homem era no mínimo dez anos mais velho que o meu pai!

Revoltada apenas de imaginar tudo isso, eu tentei me afastar, mas ele agarrou meus braços com mais força. Com toda a minha força, eu me soltei dele e corri pelo corredor, desesperada para encontrar uma porta aberta. Eu empurrei a primeira e vi que estava aberta. Olhando para trás, eu vi a sua silhueta imóvel no corredor. Eu descí as escadas correndo em direção à rua.

Uma vez na escuridão da rua, eu andei apressada por todo o caminho até o metrô, o meu coração acelerado. Então, no trem, eu mantive a minha cabeça baixa; eu não queria que as pessoas vissem o quanto eu estava abalada. Enfrentando a rua obscura em direção ao meu apartamento, finalmente cheguei à porta de casa, destranquei-a, ao entrar bati de volta para fechá-la e a tranquei. A próxima coisa que eu fiz foi ir para o chuveiro e tentar lavar tudo o que aconteceu.



O mundo parece apreciar a inocência, acreditar em sua pureza e beleza e, ao mesmo tempo, ele mal pode esperar para acabar com ela.

Mesmo agora, todas as vezes que eu vejo aquelas fotos, eu vejo o rosto daquele homem. Nas fotos daquele dia, eu parecia feliz e livre, jovem e inocente. No interior eu era exatamente como uma colegial que desejava ser aplaudida por alguém, ouvir alguém dizer que fiz um bom trabalho ou que me amava! Mas para aquele homem, a minha afirmação só viria se eu o agradasse.

É dessa maneira que o mundo vê as garotas e a sexualidade. E há tantos outros exemplos como esse que eu poderia compartilhar com vocês. Mas a história a seguir mostra o quanto o nível disso tudo baixou – quão perverso, complicado e desonesto o desejo de alguns homens pode se tornar.

Na primeira semana que eu estive em Milão, fiz um ensaio fotográfico que foi muito bom. Eu tirei algumas para o meu book com um fotógrafo que falou muito bem a meu respeito para a agência.

Algumas semanas mais tarde, ele pediu para eu retornar.

Desta vez, sem eu saber, ele combinou com o meu agente e com o dono do estúdio para assistirem ao ensaio fotográfico.

Naquela manhã, quando acordei, eu tinha uma espinha enorme na bochecha esquerda, e eu sabia que o fotógrafo não ficaria nem um pouco feliz em saber disso.

Quando eu cheguei ao estúdio, me sentei na cadeira para maquiagem e fechei os meus olhos – entregando a minha pele ao maquiador. Após uma hora de transformação do meu rosto, ele começou a colar cílios postiços em mim, um a um, continuamente, “acidentalmente” deixando cair cola em meus olhos. Tentei aguentar, mas quando ele terminou os meus olhos estavam vermelhos como uma beterraba e a máscara estava escorrendo. Então, ele começou a frisar o meu cabelo.

“Você está frisando o meu cabelo?” Eu perguntei.

Ele falou alguma coisa com o fotógrafo em italiano, e o fotógrafo tentou me garantir que cabelos frisados eram a última moda – ou eu não havia visto Claudia Schiffer com os cabelos frisados na capa desse mês da *Vogue*?

“Não”, eu pensei, “Eu realmente não me importo com a aparência da Claudia Schiffer na capa da *Vogue!* Eu estou parecendo uma idiota”. A minha pele estava pálida como porcelana; os meus olhos estavam ensanguentados e iluminados com sombra amarela; os meus cabelos pareciam telhas; e eu parecia uma Barbie demente. Eu não parecia em *nada* comigo mesma. Mas claro, eu não poderia dizer nada – eu precisava fazer o meu trabalho.

Eu perguntei se eu poderia me vestir, na esperança de as roupas contribuíssem com a minha situação. Mas, para a minha surpresa, não havia estilista no ensaio. Eu odiava trabalhar em lugares onde não havia estilistas, onde eles simplesmente queriam “vestir qualquer coisa”. Isso não era profissional.

“Não tem roupas?” Eu perguntei. “O que é isso?”

“Relaxe, *bella*”, disse o fotógrafo, mostrando algumas peças de malha rosa que eles pretendiam amarrar em volta do meu corpo.

Agora, muitos de vocês devem estar pensando que essa seria a hora de sair correndo. Bom pensamento. Mas você deve compreender, eu era uma modelo. Este era o meu trabalho. E eu tinha o meu agente me vigiando.

Então, à medida que eles grampeavam o tecido em volta do meu corpo desnudo, eu me mantive o mais graciosa possível, certificando-me de estar completamente coberta. Eles me fizeram subir uma escada, tiraram algumas fotos e depois acenderam um baseado.

À medida que eles ficavam mais doidões, me fizeram sentar e posar em uma cama branca.

Eu tentei, mas me senti muito estranha.

O fotógrafo ficou bufando algo sobre ter que mudar a luz por causa da minha espinha. Então, quando o cenário estava pronto, ele subiu até o topo da escada e disparou os flashes em minha direção.

“Deite-se”, ele disse, e após alguns instantes, “Aja como se você estivesse fazendo sexo com um homem”.

Com ele suspenso acima de mim, na escada, e com os outros homens de pé ao redor da sala, assistindo-me com os braços cruzados, me senti

como um pequeno animal cercado por um bando de coiotes avistando sua presa.

Eu me torci e contorci sob os flashes. Eu não me sentia nem um pouco sexy. Eu me sentia estranha e sendo julgada, sob um microscópio, como a figura de uma varetinha que não era capaz de exibir um sentimento de sensualidade, independente do quanto ela se esforçasse. Eu simplesmente não podia fazer aquilo – e eu disse isso a eles.

Um a um, eles perderam o interesse e começaram a se afastar.

Quando as fotografias terminaram, eu mal podia esperar para sair dali. Enquanto eu andava em direção à saída, o fotógrafo estava mordendo um grande sanduíche de rosbife, e o suco estava escorrendo pelo seu queixo. Ele mal olhou para mim.

“Oh, *ciao, bella*,” ele disse, acenando para mim como se dissesse: “Agora que acabamos de te usar, você pode ir.”

Eu sabia que não atingi às expectativas, e eu não me importava. Eu só queria esquecer tudo o que aconteceu, lavar a maquiagem, lavar as palavras, purificar-me de tudo.

Eu precisava desesperadamente sair de Milão naquele final de semana. Eu tinha um trabalho para fazer em Veneza nas semanas seguintes, então decidi chegar mais cedo, pois eu sempre amei Veneza e queria vê-la novamente – eu já tinha estado lá com minha família em uma viagem que fiz na infância. Damien, o editor de uma revista francesa, que decidiu ser meu agente na Europa, me proibiu de ir sozinha, então ordenou que seu filho fosse meu guia e garantisse a minha segurança.

Enquanto esperávamos pelo trem, o filho de Damien disse: “Eu ouvi falar sobre as fotos de ontem.”

“OuvIU?”

“Você se lembra daquela janela do lado direito da sala?”, ele perguntou.

“Sim.”

“Você sabia que eles armam aquelas sessões de fotos para as garotas, aquelas sessões sem roupas e sem estilistas, e que existem homens do outro lado da janela assistindo você enquanto fumam seus cigarros? Eles

querem ver até onde vocês são capazes de ir naquela cama branca para tirarem proveito de vocês. Eles fazem isso com todas as garotas novas. É assim que as coisas funcionam por aqui.”

Ele deu um trago profundo em seu cigarro. Ele era fotógrafo. Ele sabia o que estava falando.

Parecia que eu havia levado um soco no estômago. Mesmo já tendo trabalhado quatro verões como modelo na Europa, nada semelhante a isso aconteceu comigo antes.

“Por falar nisso”, ele continuou ironicamente, “você acha mesmo que vai conseguir um homem assim?”

“Assim como?”, eu perguntei.

“Assim! Olhe para você!” ele disse zombando de mim. “Você é muito magra. Você acha que isso atrai um homem? Você nem se parece mais com uma mulher”.

Naquele momento, eu não era uma pessoa; eu era uma coisa. Uma coisa que eles usaram para entretenimento próprio, para o próprio prazer. Uma coisa posta sob um microscópio, que eles descartaram quando não agradava mais. Eu não era filha de ninguém, irmã de ninguém, amiga de ninguém. Eu não era nada além de uma coisa em um mundo de coisas, e a minha única afirmação vinha de ser sexualmente atraente.

A princípio, os homens da profissão ficavam intrigados com a minha inocência; eles amavam os cabelos angelicais, a pele de porcelana, os olhos vivos e brilhantes, os sorrisos puros e o riso fácil. Depois, eles queriam extrair a sexualidade de mim, eles queriam encontrar uma mulher dentro da garota e, por fim, queriam um pedaço dela. Eles queriam *tirar*. Com o passar dos anos, eu comecei a sentir-me como se eu estivesse constantemente me defendendo deles, até finalmente ficar tão exausta a ponto de mal poder lutar.

Então, talvez aquela foto tirada quando eu tinha dez anos de idade tenha sido o início da perda da minha inocência – aquele momento quando eu descobri o que eles verdadeiramente queriam de mim: sexo. Se a minha tia soubesse, então, que esta profissão iria conseqüentemente engolir viva a sua pequena sobrinha, ela me mandaria imediatamente

para casa e diria à minha mãe, que estava de cama nessa ocasião, que não haveria mais nada disso. Mamãe teria dito: “OK. Então é isso.” Mas como elas iriam saber?



A vergonha continua a nos tragar cada vez mais até que os olhos não carreguem mais brilho, o riso desapareça e a liberdade seja apenas algo que existe nos sonhos.

Naquela mesma semana, o filho de Damien – enviado para me proteger – tirou vantagem de mim para o *seu* próprio prazer.

Eu estava dormindo na cama de um albergue, quando ele subiu, sem ser convidado.

“*Não, não. Não!*” Eu falava enquanto ele se retorcia em cima de mim. “*Pare, pare!*”

Mas ele não parou. Eu sabia que ele podia me ouvir, mas ele não escutava. Ele queria e ponto final. E eu me tornei tão fraca que a minha voz foi abafada pelos seus gemidos.

A minha alma deixou o meu corpo sem vida. Eu sentia como se eu houvesse desaparecido. Aquela garotinha, que corria livremente, agora estava morta, vazia e completamente ausente.

O mundo parece apreciar a inocência, acreditar em sua pureza e beleza e, ao mesmo tempo, ele mal pode esperar para acabar com ela. Uma vez que a fascinação e a trama desaparecem, o mundo avança para roubar a inocência de outra pessoa.

Nós, garotas, somos destinadas a carregar a vergonha, independente de sermos, ou não, responsáveis pelo que aconteceu. E a vergonha continua a nos tragar cada vez mais até que os olhos não carreguem mais brilho, o riso desapareça e a liberdade seja apenas algo que existe nos sonhos.

Hoje eu acredito que a perda da minha inocência tenha sido a pior parte. Como se não bastasse a violação física, houve também uma lenta e desnuda violação mental, emocional e espiritual.

Este foi verdadeiramente o fim do meu início e o início do meu fim.

## DO MEU MUNDO PARA O SEU

Certamente, essas coisas não acontecem apenas na indústria de modelos. As minhas experiências são apenas um reflexo dos valores sustentados pelo mundo. No Ensino Médio, na faculdade e daí por diante, a inocência não é considerada “maneira”. As garotas “maneiras” são as sensuais. Elas se vestem de forma atraente, o corpo delas é sexualmente desenvolvido e, na maioria dos casos, elas estão ocupadas exercitando essa sexualidade.

Claro, existe uma linha muito tênue entre ser chamada de “maneira” e ser chamada de “vulgar”. Ser “maneira” significa que você mantém relações sexuais, mas não muitas e não com muitos homens. Ser “vulgar” significa que você foi descoberta – você mantém relações sexuais com vários homens e as pessoas comentam.

Na época do meu Ensino Médio e faculdade, você era bastante anormal se não estivesse tendo relações sexuais. Sexo era simplesmente outra forma de mostrar afeto. Sexo era a maneira de ser aprovada por um cara. Sexo era uma maneira de dizer que você não era mais uma garotinha, mas uma mulher. Se um cara dissesse que amava uma garota – e certamente se ela o amasse também – era esperado que ela se relacionasse sexualmente com ele. Essa era a expectativa e a regra. Por outro lado, não era incomum as garotas se relacionarem sexualmente com mais de um homem. Após a primeira vez, era fácil para elas passarem de um cara para outro, de mão em mão. Essas garotas ou passavam por vários rompimentos ou dormiam com quem quer que fosse que prestasse atenção nelas.

Essa é a verdade: garotas que se relacionam sexualmente com alguém que amam e garotas que fazem sexo com quem mal conhecem – as garotas maneiras e as vulgares – estão na verdade buscando a mesma

coisa. Ambas têm exatamente o mesmo anseio em seu coração, elas ansiavam por amor – afirmação, aceitação, aprovação e afeto. Toda garota no mundo está em busca da afirmação perfeita – elas estão em busca de alguém que diga: “Eu adoro você. Eu amo você demais. Eu gosto de você exatamente como é. Eu aceito você assim e eu quero embeber você com o meu afeto”.

Estranhamente, o nosso mundo ensina que o sexo é uma maneira de alcançar essa afirmação, mas na verdade isso é uma mentira. Ele fracassa. Se você passar de garoto em garoto, o seu anseio nunca será satisfeito. Você terminará se sentindo rejeitada, usada, odiada e suja; como uma *coisa* em um mundo de coisas. A sua fome por amor aumenta mais do que nunca, e o seu nível de vergonha parece sem fim.

No outro extremo, se você se apaixona profundamente e entrega tudo a ele (não estou aqui me referindo a casamento), você acaba perdendo mais de si mesma, para começar. Aos quinze anos, eu me apaixonei por um menino hipnoticamente lindo, de dezesseis anos, da mesma escola que eu. Tornamo-nos melhores amigos e eu fiz o que acreditava que devesse ser feito quando alguém ama você tanto interior quanto exteriormente – eu derramei meu coração, minha força, alma e, consequentemente, meu corpo naquele relacionamento.

Que montanha-russa. Se eu não estivesse com medo de estar grávida ou de contrair uma doença sexualmente transmissível das suas antigas parceiras, então eu estava com medo da relação terminar e ele ir embora levando o meu coração. Quando ele estava me “amando” com sua atenção e afeto, eu estava feliz. Quando ele demonstrava muita amizade e flertava com alguma outra garota, eu ficava deprimida, insegura, triste e com medo de perdê-lo. Eu esperava que ele preenchesse os anseios do meu coração – o anseio por uma aceitação incondicional e um amor que nunca nos abandona. Mas ele era apenas um garoto; ele não poderia preencher aquele lugar de anseio que havia dentro de mim.

Às vezes eu me via com a cabeça encostada em seu peito e simplesmente deixando as lágrimas rolares.

“Por que você está chorando?”, ele perguntava.

“Eu não sei”, eu sussurrava. “Eu não sei”.

Mas agora eu sei. A minha inocência havia sido perdida e eu não podia mais recuperá-la. Eu não conseguia entender por que esse garoto, esse relacionamento, não preenchia o vazio do meu coração. Eu achava que, ao entregar tudo a ele, eu *ganbaria*; mas se havia algo que eu não podia ignorar era a perda irreparável.

Após quatro anos de altos e baixos, o relacionamento terminou e eu simplesmente desmoronei. Nas manhãs, eu ficava deitada na cama, enterrada sob as cobertas, meu corpo pesado como se estivesse preso a correntes. Eu não queria mais me levantar para ir à escola; eu não queria levantar para nada. Eu só queria chorar – e chorar e chorar e chorar – até o meu cabelo ficar encharcado com as lágrimas.

Mesmo tendo dezoito anos e trabalhando como modelo em Paris, eu deitava sob as cobertas enquanto a chuva batia contra a vidraça, e deixava as lágrimas rolares. Eu podia ouvir a conversa das modelos no quarto ao lado, mas eu não queria me juntar a elas. Ao invés disso, eu deitava na cama e lia livros sobre budismo, tentando encontrar algum tipo de paz.

Eu não me importava com a entrevista com as modelos que aconteceria naquele dia ou com a festa daquela noite. Eu me importava em ser amada, enquanto meu coração parecia estar se partindo. Eu tentei relaxar, como os livros sugeriam; experimentar a proposta da não necessidade e do não desejo, pregada pelo budismo e que me atraiu ao mesmo. Eu achava que os livros sugeriam que “não precisar” de nada me libertaria do sofrimento e me traria a paz.



Toda garota no mundo está em busca da afirmação perfeita – elas estão em busca de alguém que diga: “Eu adoro você. Eu amo você demais. Eu gosto de você exatamente como você é”.

Mas isso não funcionou. Quanto mais eu queria *não precisar* ou *não querer*, mais eu precisava e mais eu desejava e mais eu ansiava por alguma coisa que preenchesse o vazio na minha alma.

Eu terminei na mesma situação na faculdade, porque a necessidade emocional de ser completada não ia embora – e eu pensava que um homem fosse capaz de preencher esse vazio. Eu achava que encontrar o meu príncipe encantado seria o início do meu feliz para sempre. Mas foi exatamente o oposto; o meu “amor” da faculdade foi outra montanha-russa que partiu o meu coração, me fez chorar sob os cobertores, triste, furiosa e desejando um amor que simplesmente não me abandonasse.

Esse rompimento me deixou em uma situação muito pior do que o primeiro. A minha felicidade foi mais uma vez amarrada a um cara, que não podia retribuir. Então, certo dia, o cara – e a minha felicidade – se foram.



Eu sabia que eu era mais do que meu corpo. Eu sabia que valia mais que a minha sexualidade. Eu acreditava que tinha muito mais para oferecer ao mundo do que simplesmente a minha carne. Eu tinha ouvido a campanha “Diga Não”. Nas aulas de educação sexual, eu vi fotos de gravidez, verrugas genitais e camisinhas. Meu Deus, todos na escola sabiam que precisávamos dizer não. Mas o que eu não sabia, o que eu não entendia, era: por que não? Eu não fazia ideia de qual era o meu valor na área espiritual.

Muitos anos mais tarde, recuperando a minha fé em Deus e estudando a Bíblia pela primeira vez, eu descobri o “por que não”. Primeira João 3:1 diz que quando colocamos a nossa fé em Cristo, Deus *derrama* em nós o Seu incrível amor ao nos chamar de filhos. Nós somos Suas filhas! (Veja também João 1:12.) Deus deseja que “conheçamos e confiemos” no profundo amor que Ele tem por nós (1 João 4:16).

Eu imagino que você possa não crer na Bíblia, mas eu lhe peço para dar uma chance a ela. A sua sabedoria transformou a minha vida e me deu princípios espirituais para seguir. Mais do que tudo, ela tem sido a minha fonte infinita de direção em um mundo que tem mensagens confusas e contrárias demais para anunciar.

Biblicamente falando, o seu valor *não* está ligado à maneira como os homens veem você ou a sua sexualidade. Ele está ligado ao fato de que Deus lhe formou no ventre da sua mãe – Ele criou você (Salmos 139:13). Portanto, você é a obra preciosa das Suas mãos e a filha amada e querida do Seu coração. Quando a Bíblia diz: “Quão grande amor nos tem concedido o Pai”, Deus está lhe dizendo que *Ele* deseja ser a fonte da sua afirmação, a fonte que preenche seus anseios, então não busque essa afirmação compartilhando a sua sexualidade antes de se casar. Em poucas palavras, Deus deseja proteger a sua sexualidade para que ela não a conduza por estradas de enxaquecas.

A sua sexualidade não é uma coisa ruim; ela não é vergonhosa. O livro de Gênesis diz que Deus chamou a sua criação de boa, então a sexualidade que Ele colocou em nosso corpo – usada da maneira como ele nos diz para usar – também é boa (Gênesis 1:27-31). Quando Adão e Eva se relacionaram sexualmente pela primeira vez, não havia vergonha no Jardim do Éden (Gênesis 2:24-25). A “vergonha” não entrou em cena até Satanás, na forma de uma serpente, os convencer a não ouvir a única regra de Deus; então, a Bíblia nos diz, que eles estavam nus e envergonhados (Gênesis 3:7-8). A vergonha veio da desobediência a Deus. Ao invés de observarem as Suas regras como limites para os protegerem, eles as enxergaram como muito delimitadoras.

Não foi a sexualidade que foi vergonhosa; foi a desobediência.

Mas o fato de a sexualidade não ser algo ruim, não significa que ela seja algo que deva ser utilizado para se afirmar. Como você pode ver em minha situação, isso não preencheu o meu anseio de ser validada; ao invés disso, a sexualidade me deixou desejando ainda mais um amor *verdadeiro* que não me ferisse.

A Palavra de Deus – que nunca muda independente do quanto as normas culturais mudem – continua definindo o sexo como algo para

unir os casais comprometidos e gerar filhos. Claro, o nosso mundo hoje aceita o sexo quase tão livremente quanto o beijo de boa noite. Enquanto ele tenta nos dizer que o valor de uma mulher está ligado a sua capacidade de seduzir, Deus não diz isso. Ele valoriza você porque Ele ama você com um amor eterno e perfeito. Esse amor perfeito deseja apenas o que é melhor para você. Como seu Pai, Ele deseja levantar você e não derrubar; fortalecer o seu coração, e não parti-lo.

A Bíblia descreve o seu corpo como um templo: um lugar santo, especial, sagrado. Ele não foi criado para ser um lugar onde qualquer um possa entrar e pegar o que quer e depois seguir o seu caminho feliz. O seu corpo foi criado para ser uma terra santa. O seu corpo é *imago dei* que significa “feito à imagem de Deus”. Ele é criação e reflexo de Deus e deve ser tratado como tal, independente do que o mundo diga.

Ao encorajar você a proteger o seu corpo, Deus está tentando proteger a filha que Ele ama. Acima de tudo, Ele deseja proteger o seu coração. Em 1 Coríntios, Paulo explica: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” (1 Coríntios 6:12). Em outras palavras, Deus lhe deu livre arbítrio – Ele deixa você escolher. Você pode ter relações sexuais, compartilhar o seu corpo com quem você escolher, você pode até usar o seu corpo como uma fonte para tentar se afirmar pelos homens – todas essas são escolhas e opções para você. Mas isso não significa que será *benéfico*. O ponto principal é: isso poderá lhe ferir no final.

Por que o seu coração se parte tão gravemente quando esses relacionamentos terminam? Imagine um coração destruído: um coração vermelho, feito de carne, partido ao meio por uma fenda irregular. Quando você se relaciona sexualmente com alguém, você se torna “uma só carne” com aquela pessoa; ambos estão unidos como um só (Gênesis 2:24; 1 Coríntios 6:12-20). Então, quando o relacionamento termina e você vai em uma direção e ele em outra – independente de ser após uma noite ou dez anos – a carne do seu coração se parte.

Se isso acontecer repetidas vezes, você conseqüentemente carregará as feridas desses relacionamentos para dentro do relacionamento com seu marido – porque o pecado sexual é aquele que, na verdade, você carrega dentro do seu corpo (1 Coríntios 6:18). Então, você não apenas entrega a seu marido um corpo que já foi explorado por outros homens, mas também um coração que já foi várias vezes despedaçado. No final das contas, você se arrependerá das escolhas que fez para compartilhar seu corpo com outros e desejará ter guardado seu corpo para aquele com quem passará toda a sua vida.

Quando meu marido, Shane, e eu começamos a namorar, estávamos com vinte e poucos anos e não conhecíamos muitas pessoas que se guardavam para o casamento. Para alguns, parecíamos loucos, mas nós dois sofremos as conseqüências das nossas escolhas infelizes do passado; agora, queríamos fazer as coisas à maneira de Deus. Nós aprendemos da maneira mais difícil que os Seus caminhos são os melhores. Mas isso *não foi fácil!*

Nós éramos loucos um pelo outro e estávamos apaixonados. Quando as linhas da pureza sexual se estremeciam e nós começávamos a discutir quão longe era longe demais, Shane retrocedia da linha até estarmos *absolutamente certos* de que estávamos sendo puros. Após nossos encontros, ele me dava um rápido beijo de boa noite, então citava uma palavra das Escrituras que salvava nosso relacionamento: “Fuja!” Então, ele se virava e ia para casa! Isso sempre nos fez dar risadas – e ainda faz – mas funcionou.

“Fuja” vem de 1 Coríntios 6:18, que diz: “Fuja da prostituição”. Este é o melhor conselho que eu posso lhe dar. Fuja do exercício da sua sexualidade fora do casamento.

Antes de se entregar, encontre alguém que creia que você é preciosa o suficiente para primeiro se comprometer com você para a vida toda. Espero sinceramente que ele proteja você como Shane me protegeu. Ele fez com que eu me sentisse digna de ser esperada. Ele fez com que eu me sentisse como se o meu valor estivesse baseado em muito mais do que simplesmente a minha carne. Você pode imaginar que alívio isso representou após a minha vida na indústria de modelos?

Você também merece isso. Você é preciosa. Você é amada por Deus. Esta é sua afirmação. Esta é sua validação.

Shane e eu compartilhamos um relacionamento saudável um com o outro e nós fomos abençoados com dois lindos filhos. Eu não faço pouco caso desse presente e creio que meus filhos sejam um resultado direto de honrar a Deus com o nosso corpo durante o namoro e noivado. Então, essa é uma escolha que você faz. No final das contas, ao escolher fazer as coisas à maneira de Deus em um mundo que zomba dos Seus limites protetores, você descobrirá que as Suas bênçãos serão *suas*. Você também descobrirá que a sua afirmação nunca dependerá de algo tão transitório como seu poder sexual – ela vem de Deus, uma fonte que nunca muda e nunca deixa de amar você.

### ESTÁ NA PALAVRA

Aqui está a boa notícia: através de Eva vieram os filhos – Caim, Abel e Sete. Caim e Abel pereceram por causa da inveja e do assassinato. Mas Deus prometera que, através de Sete, viria um redentor, que removeria para sempre a nossa vergonha e nos levaria de volta para o jardim, em comunhão com Ele.

Essa foi a promessa de um Salvador. Quando Jesus veio, Hebreus 12:2 diz: “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, pelo gozo que lhe estava proposto, suportou a cruz, desprezando a afronta, e assentou-se à destra do trono de Deus”, eliminando o nosso pecado de uma vez por todas. Mesmo tendo eu carregado a vergonha por muito tempo em meu coração, eu entendi que não precisamos carregar a vergonha. Jesus se *tornou* vergonha por nós para podermos ser libertos dela.

Jesus veio para restaurar os corações partidos; Ele veio para libertar os cativos. Se você está preso pelo pecado sexual, se você ainda está carregando essa vergonha ou tem um coração partido, destruído, entregue-o a Ele. Foi para isso que Ele veio, foi por isso que Ele morreu, foi por essa razão que ele ressuscitou – para nos dar uma nova vida!

Os meus versículos favoritos dizem: “Olharam para ele, e foram iluminados; e os seus rostos *não ficaram* confundidos” (Salmos 34:5, ênfase acrescentada pelo autor). No dia em que caminhei pelo corredor da igreja para casar-me com Shane, eu era pura, livre e radiante – não por causa do que eu fiz, mas por causa do que Jesus fez por mim. A fé nele removeu para sempre a minha vergonha, substituindo-a com luz, esperança e um futuro.

Você precisa da afirmação perfeita? Você precisa de alguém que diga: “Você é especial, você é preciosa, você é bela?” Isaías 43:4 diz que uma vez que você é preciosa e amada por Deus, Ele dará homens em troca da sua vida. Ou seja, Ele entregou Seu Filho – que foi espancado, golpeado, açoitado, rejeitado, acusado e, por fim, pregado em uma cruz. Isso não aconteceu para que você seja condenado e acorrentado, mas para que você seja liberto!

Se esse não é o principal gesto de amor, eu não sei qual é. Esse não é um amor que deseja *tirar*, mas um amor que *dá, dá e dá*. Isso, minha amiga, é um amor que jamais acaba, jamais vai embora e não deixa você ansiando por mais. Ao invés disso, ele preenche esse vazio até transbordar.

Enfim, este é um amor que nos *lava, lava e lava* até estarmos completamente limpos novamente.



“Todas as coisas me são *lícitas*, mas nem todas as coisas *convêm*.”

—I CORÍNTIOS 6:12 GRIFO DO AUTOR

“E criou Deus o homem *à sua imagem*: à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.”

—GÊNESIS 1:27, GRIFO DO AUTOR

“Ou não sabeis que o *vosso corpo é o templo* do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque

fostes comprados por bom preço; *glorificai*, pois, a Deus *no vosso corpo*.”

—I CORÍNTIOS 6:19-20, GRIFO DO AUTOR

“Vinde então, e argui-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a *escarlata*, eles se tornarão brancos como a *neve*; ainda que sejam vermelhos como o *carmesim*, se tornarão como a branca *lã*.”

—ISAÍAS 1:18, GRIFO DO AUTOR